

## As diversas práticas sociais femininas no Mundo Antigo: uma análise das *Histórias*, de Heródoto

Profa. Dra. Nathalia Monseff Junqueira<sup>1</sup>

**Resumo:** A obra *Histórias*, do historiador grego Heródoto, é uma fonte histórica recorrente para diversos estudos sobre o mundo antigo. Observando que a maior parte dos inúmeros artigos e livros sobre Heródoto enfoca, principalmente, as questões metodológicas, políticas ou militares, decidimos abordar a obra do ponto de vista das práticas sociais femininas na Antiguidade, buscando analisar qual seria o seu olhar na maneira de narrar as mulheres de sua época, incluindo aqui tanto as atenienses quanto as estrangeiras.

**Palavras-chave:** Heródoto; *Histórias*; práticas sociais femininas; Antiguidade

### **Women' several practices in the Ancient World: an analysis of the *Historiae* of Herodotus.**

**Abstract:** The *Historiae*, of the Greek historian Herodotus, it is a recurrent historical source for several studies about the Ancient World. Noting that most of the countless articles and books about Herodotus focus, mainly, on methodological, political and military issues, I decided to approach this work through women' social practice in Antiquity, trying to reach his point of view on his narration of women from that period, not only the Athenian but also the foreigners.

**Keywords:** Herodotus; *Historiae*; women' social practices; Antiquity

O historiador grego Heródoto teria nascido entre os anos de 484-480 a.C. em Halicarnasso, uma cidade que compartilhava uma origem caria e dórica. Essa pólis tinha uma vida comercial intensa devido ao comércio de produtos realizado através do seu porto (HART: 1982, p. 159). Ele teria vivido entre os principais conflitos gregos do V a.C.: primeiro, as Guerras Pérsicas (499-479 a.C.), contra os persas, e a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), contra Esparta. Como afirma o *Suda*<sup>2</sup>, ele foi exilado de sua terra natal por ter se unido em oposição a Ligdamis, buscando refúgio em Samos. Ele

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPAN). Integrante dos seguintes grupos de pesquisa: Alexandriae, Antiguidade e Modernidade: História Antiga e Usos do Passado, ATRIVM / UFMS - Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade, Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano - UNESP/Franca (G.LEIR-UNESP/Franca), Laboratório de Estudos sobre o Império Romano.

<sup>2</sup> Uma das fontes utilizadas pelos historiadores a respeito da biografia de Heródoto é o léxico chamado *Suda*, ou *Suida*, que foi compilado no século X d.C. por eruditos bizantinos. De acordo com Asheri (2007, p. 02), esse léxico se baseia em fontes externas ao texto *Histórias*, pois não menciona, por exemplo, as viagens feitas por Heródoto ao Oriente. Para o autor, deveria haver duas variantes do manuscrito antigo desse léxico, e o compilador tentou agregá-las em um único discurso.

regressou a Halicarnasso depois do golpe que teria expulsado aquele governante do poder, que parece ter ocorrido no ano de 454 a.C (WARTERS: 1996, p. 10; ASHERI; LLOYD; CORCELLA: 2007, p. 03). Depois desse período, Heródoto teria viajado por diversas regiões próximas ao Mar Mediterrâneo e ao Mar Vermelho; estaria em Atenas em 445-4 e, depois, teria partido para Túrio, onde se tornou cidadão, falecendo aproximadamente na década de 420 a.C.

Heródoto escreveu a obra conhecida como *Histórias*, que está dividida em nove livros – número esse que coincide com o das nove musas que nomeiam cada capítulo – a partir de sua indagação acerca dos motivos que levaram helenos e bárbaros<sup>3</sup> a guerrearem, as chamadas Guerras Pérsicas. Desse modo, o historiador partiu para outras regiões gregas para investigar os campos de batalha, os costumes, a geografia, as leis, as religiões, todas as particularidades de cada sociedade que estava inserida na região circunscrita a essa peleja e que pudessem responder a sua indagação inicial.

No contexto em que Heródoto confeccionou sua obra, no V a.C., a única história possível de se fazer era aquela do conhecimento imediato, uma história do tempo presente, segundo Jorge Lozano (1994, p. 19). O historiador narra aquilo que viu com os próprios olhos ou relata os acontecimentos a partir de alguém que os tenha testemunhado. Como escreve o autor da obra *Histórias* no *logos* egípcio: “Até aqui, o que foi dito provém do que vi, julguei e investiguei; a partir de agora, vou falar das histórias egípcias que ouvi, a essas acrescentei alguma coisa que eu mesmo vi” (HERÓDOTO, *Histórias*: II. 99 in MORAES: 1999, p. 177). Para Momigliano (2004, p. 62), Heródoto deixa claro em sua narrativa o limite entre a observação pessoal, *eu vi*, e as suas fontes orais, *eu ouvi*.

Caso Heródoto fosse considerado um viajante, não se deveria estranhar que as passagens encontradas em sua narrativa surgissem tanto da própria visão, quanto da audição. Quanto aos relatos orais, de acordo com Lozano (1994, p. 19), poder-se-ia supor que eles não teriam o mesmo peso que o testemunho pessoal, pois a memória dessa outra pessoa, algumas vezes, não seria confiável. Porém Heródoto reforça, em alguns momentos, a credibilidade de suas fontes, assinalando, quando pertinente, que seu informante é capacitado para descrever aquele tipo de informação e essa postura, versa Momigliano (2004, p. 63), é um dos pontos mais característicos do método crítico utilizado pelo historiador grego.

---

3 Utilizaremos o vocábulo bárbaro para indicar os povos que não falavam a língua grega.

Entretanto, como salienta Pedro Paulo Funari (2003, p. 18), devemos estar conscientes da subjetividade intrínseca ao relato histórico a partir do momento da concepção de que “todo o conhecimento expressa-se, necessariamente, como um discurso”, enfatizando mais ainda a preocupação em se saber quem é o autor e a que público a obra se destina. No tocante ao raciocínio de Jean-Pierre Vernant (2010, p. 55), uma das características da *polis* ateniense era a publicidade do conhecimento que antes se restringia a tradições familiares, ou a textos que pouco circulavam entre a população. Considerando que Heródoto leu o seu discurso para os atenienses, podemos inferir que o destinatário da sua obra eram os helenos, e não os bárbaros.

Do mesmo modo, podemos inferir que Heródoto analisa os costumes, as leis e as religiões dos bárbaros através de um olhar heleno. De acordo com o estudo de François Hartog (1999, p. 229), Heródoto, quando afirma alguma característica do bárbaro como sendo diferente, permitiria traçar, usando a ferramenta da inversão, quais seriam as características dos gregos, que seria o ponto de partida do historiador grego. Observando que a maior parte dos inúmeros artigos e livros sobre Heródoto enfoca, principalmente, as questões metodológicas, políticas ou militares, decidimos abordar a obra *Histórias* do ponto de vista das práticas sociais femininas no mundo antigo, buscando analisar qual seria o seu olhar na maneira de narrar as mulheres de sua época, incluindo aqui tanto as atenienses quanto as estrangeiras.

Para isso, selecionamos algumas passagens da obra *Histórias* atentando para a escolha de palavras que Heródoto faz no seu relato em que as mulheres estão envolvidas de uma forma mais atuante. Após essa etapa, analisaremos, através de dicionários e obras especializadas, algumas palavras – importantes no nosso julgamento – que possam nos indicar se Heródoto enxerga essas mulheres partindo do pressuposto de que elas deveriam seguir um padrão de comportamento determinado por uma parcela masculina da sociedade ateniense.

A nossa intenção não foi a de fazer um estudo aprofundado e exaustivo da língua grega, já que optamos por uma tradução mais livre dos trechos da obra, mas sim apontar como o autor, ao escrever o seu texto, seleciona os vocábulos que melhor traduzirão a sua idéia inicial. Assim, percebemos como o discurso não é inerte (HARTOG: 1999, p. 49) ao seu contexto, mas é o produto da sociedade onde ele está inserido (FOUCAULT: 2001, p. 09), e a sua análise permite trabalhar como ele é estruturado, quem é o seu autor e para quem ele está destinado. Retomando as palavras de Funari (2003, p. 21), “o

estudo dos relatos como construções discursivas permite uma visão crítica dos motivos e objetivos subjacentes a todos os discursos”.

## A ATUAÇÃO DAS MULHERES NA *HISTÓRIAS*

Para a exposição das passagens escolhidas, decidimos manter a ordem em que elas aparecem na obra escolhida para esse artigo, o que facilita, para o leitor, se for de sua preferência, a consulta a outras traduções. A primeira passagem que será analisada é encontrada em I. 61, quando Heródoto relata que Pisístrato, depois de ser despojado do poder, recebeu uma proposta do comandante Megacles – que se encontrava acossado por todos os lados pela facção contrária – para que desposasse a sua filha e retornasse ao poder. Pisístrato firma o compromisso com o comandante, entretanto decide não querer filhos com a sua esposa: “A princípio, a esposa escondeu a situação, mas depois contou à sua mãe, ou foi inquirida, e a mãe contou para o seu marido. Ele estava muito irritado e se reconciliou da inimizade pelos dissidentes”. (HERÓDOTO, *Histórias*: I, 61).

Escolhemos para analisar nesse momento o verbo ἱστορεύειν (ἱστορέω) que significa ‘indagar, interrogar alguém a respeito de alguém ou de algo; examinar; observar; explorar; saber; conhecer; relatar; narrar; descrever’. Para Pierre Chantraine (1968, p. 779), o radical dessa palavra, ἵστωρ, relaciona-se com o verbo οἶδα, ver, apresentando o sentido de ‘aquilo que se sabe por ter visto ou aprendido’, e pode ser empregado como testemunha. A nossa escolha foi pela tradução no sentido de indagar, inquirir.

Outro verbo também analisado aqui é Φράζει (φράζω), que seria empregado inicialmente com a intenção de colocar no espírito; de fazer compreender; explicar; indicar por símbolos ou palavras. Outras extensões desse verbo são: anunciar; confiar; contar; ordenar; aconselhar; pensar; refletir; considerar; observar, entre outras. Optamos, na nossa tradução, pelo verbo contar. Heródoto pode, nesse trecho, informar a respeito da relação entre mãe e filha, e entre esposos. A filha acaba, de forma espontânea ou não, confidenciando sua situação para a mãe, que assume o papel de informar ao marido o que se passa no *oikos* do qual sua filha agora faz parte. E o pai, deixando-se levar pela notícia, acaba colocando fim ao acordo feito com Pisístrato.

Nesse mesmo livro, encontramos outra passagem que acreditamos ser importante para a justificativa de nossa hipótese de trabalho. Heródoto está descrevendo

o túmulo de Aliates, pai de Creso, afirmando que esse templo foi construído à custa de negociantes, artistas e cortesãs, e que na sua época ainda havia placas nesse túmulo com as inscrições contendo a contribuição de cada parte envolvida. Em seguida, ele narra uma prática comum entre os lídios: “... todas aquelas filhas do povo lídio prostituem-se para arrecadar o dote, e se casam através do seu próprio feito. (...) Os lídios usam quase que as mesmas normas que os helenos, exceto aquela da prostituição da jovem.” (HERÓDOTO, *Histórias*: I. 93-4).

A primeira palavra escolhida para a tradução dessa passagem foi *θυγατέρες* (*θυγάτηρ*), um substantivo empregado no plural nominativo, traduzido como ‘filha; jovem, menina’. Esse vocábulo é usado para determinar que a moça, filha, ou jovem que ainda não se casou, pertencendo ao *oikos* familiar de seu pai ou tutor, ou seja, não se trataria de cortesãs ou prostitutas.

O verbo *πορνεύονται* (*πορνεύω*), que está conjugado na terceira pessoa do plural no indicativo, é empregado no sentido de prostituir-se, viver na prostituição; exercer o ofício de prostituto ou prostituta; ou no caso passivo, entregar-se à prostituição. De acordo com W.W. How *et al.* (2007), essa passagem é referente à prostituição religiosa que ocorreria em alguns povos antigos. Entretanto, não há evidências de que essa prática fosse um costume universal em toda a região da Lídia e, se ela ocorresse, não impedia que as jovens se casassem. Para esses autores, essa prática ocorreria somente nas classes menos abastadas, todavia, nesse caso, percebemos que Heródoto não faz nenhuma distinção se é uma prática religiosa.

O próximo vocábulo escolhido é *νόμοισι* (*νόμος*), um substantivo empregado com o sentido de ‘costume, norma, uso, hábito, tradição, segundo as leis gerais ou as leis escritas’. Nessa passagem, ele deve ser traduzido junto com as outras palavras: *Λυδοὶ δὲ νόμοισι μὲν παραπλησίοισι χρέωνται καὶ Ἕλληνες*, tornando a frase inteligível. Heródoto, nessa parte do seu relato, reforça como lídios e gregos apresentam costumes semelhantes, comentando que apenas as regras para o dote e casamento das jovens helenas são distintas daquela praticada na região dos lídios.

Continuando a nossa análise, ainda no Livro I, Heródoto passa a relatar as características do povo babilônio, quais são as suas vestimentas e seus diversos costumes. Na passagem I. 199, o historiador relata um costume religioso designado às mulheres babilônias, o que para ele, seria uma lei desrespeitosa:

“Entretanto, os babilônicos possuem o seguinte costume desrespeitoso: toda mulher nativa deve ir se sentar em um santuário de Afrodite uma vez na vida e se relacionar sexualmente com um estrangeiro. (...) Quando uma mulher se senta lá, não pode sair e seguir para casa senão depois que algum estrangeiro lhe jogar dinheiro aos joelhos e se relacionar com ela fora do templo. E é necessário, ao jogar o dinheiro, dizer bem alto: invoco a deusa Milita. Os assírios chamam a deusa Afrodite de Milita. Não importa o montante de dinheiro, pois ao certo ela não o rejeitará, porque é a lei, e o dinheiro se torna sagrado. Ela segue o primeiro que jogar as moedas, pois não pode rejeitar a ninguém. Depois de ter se relacionado, está livre com o cumprimento dos deveres religiosos para com a deusa, indo para casa (...)” (HERÓDOTO, *Histórias*: I. 199).

A primeira palavra que nos chama a atenção é  $\alpha\lambda\sigma\chi\iota\sigma\tau\omicron\varsigma$  ( $\alpha\lambda\sigma\chi\rho\acute{o}\varsigma$   $\alpha\lambda\sigma\chi\omicron\varsigma$ ), um adjetivo masculino nominativo, traduzida como ‘vergonha, desonra, infâmia e desrespeito’. O termo  $\alpha\lambda\sigma\chi\omicron\varsigma$  é usado no sentido poético, sendo encontrado nas obras de Homero, Hesíodo (*Os trabalhos e os dias*) e Ésquilo (*Suplicantes*), empregado para indicar alguma deformidade física. Em Platão (*Banquete*), o termo é empregado em oposição há  $\chi\acute{\alpha}\lambda\lambda\omicron\varsigma$ . Já em Heródoto, segundo Chantraine (1990, p. 40), ele carrega um sentido moral, que destaca o intuito do autor em chamar a atenção para um costume desonroso praticado pelos babilônicos.

A palavra  $\gamma\upsilon\nu\acute{\alpha}\iota\kappa\alpha$  ( $\gamma\upsilon\nu\acute{\eta}$ ), substantivo empregado no acusativo singular, é traduzido como ‘mulher; esposa; concubina’. Da forma como Heródoto se refere ao costume, infame ou desrespeitoso, significa que eram as esposas dos babilônios que deveriam cumprir esse ritual perante a deusa Afrodite. W.W. How *et. al.* (2007) comenta, que alguns estudiosos consideram o ‘rito de puberdade’ um costume que já ocorreria em um momento anterior ao ser conectado com a deusa Afrodite.

Outra palavra para a qual buscamos mais detalhe é  $\mu\iota\chi\theta\eta\tilde{\nu}\alpha\iota$  ( $\mu\acute{\iota}\gamma\upsilon\nu\mu\iota$ ), verbo que teria como ideia principal ‘misturar, mixar, misturar-se com’, adequadamente utilizado para líquidos. Encontramos outras traduções, como ‘unir-se a, trazer junto, conectar-se, misturar alguma substância com outra’ e, em um sentido mais hostil, ‘misturar-se com outros em um combate’. O importante é que o verbo foi aplicado na forma passiva e, dessa maneira, podemos inferir uma ação passiva das mulheres frente a sua obrigação de se misturar com um estrangeiro.

$\text{A}\rho\upsilon\acute{\upsilon}\rho\iota\omicron\nu$  foi outra palavra que decidimos analisar. Um substantivo singular

masculino usado no acusativo, traduzido como ‘dinheiro, moeda, peça de dinheiro’.  
αργύριον derivaria da palavra *argiros*, que significa ‘pedaço de prata’ e que raramente seria usado no sentido monetário, de acordo com Chantraine (1990, p. 105). Era muito comum o emprego de palavras masculinas para designar metais.

\_\_\_\_\_ ἐμβάλοντα é uma palavra formada pelo prefixo ἐμ e o verbo βάλλω. O verbo pode ser aplicado em diferentes situações, e poderia ser traduzido por ‘jogar, arremessar, colocar em algum lugar, inserir uma palavra, ou letra, inserir uma ideia na mente’, entre outras. De acordo com Chantraine (1990, p. 161), ἐμβάλλω poderia ser traduzido como ‘jogar algum objeto em alguém, ou se jogar sobre’; no nosso caso, ‘jogar as moedas nos joelhos das mulheres’.

A passagem a seguir é encontrada no Livro II, dedicado à narrativa dos costumes, história e geografia dos egípcios. Nesse relato, Heródoto descreve os costumes egípcios, que são diferentes dos de todos os outros povos, inclusive dos costumes dos helenos.

“Ao mesmo tempo em que o clima egípcio é diferente, o rio apresenta uma natureza contrária àquela de outros rios, e de fato muitas leis e costumes se estabelecem contrários aos dos outros homens. Por um lado as mulheres vão à ágora e realizam o comércio, por outro lado os homens que ficam em casa tecendo (...) as mulheres urinam em pé, os homens, sentado (...) a mulher não pode ser sacerdotisa de nenhum deus ou deusa, os homens podem ser sacerdote de ambos”. (HERÓDOTO, *Histórias*: II. 35).

A primeira palavra escolhida para a tradução dessa passagem foi νόμους (νόμος), já traduzida anteriormente. Nessa passagem, ela é acompanhada por outro substantivo, ἥθεά (ἥθος), também traduzido por costume ou uso, interpretando-se essas palavras juntas como ‘segundo a lei e o costume’. Heródoto, assim, reforça a sua ênfase no papel que a mulher e o homem egípcio desempenham nessa região, uma norma e uma tradição diferentes de todos os outros povos.

Já ἔμπαλιν, como advérbio, é aplicado como ‘atrás, trás’. Podemos empregar como ‘em sentido contrário, em sentido oposto’. Nos dicionário *Bailly* (2000) e *Grego Português* (2006), encontramos a tradução de ἔμπαλιν empregado no genitivo em Heródoto e seguido por outras palavras τὰ ἔμπαλιν πεφυκέναι τῶν ἄλλων ποταμῶν, significando ‘ser de natureza contrária àquela de outros rios’.

Para o verbo ἄγοράζουσι (ἄγοράζω), interpretamos como ‘irem ao mercado’. Chantraine (1990, p. 12-13) elucida que o verbo deriva da palavra ἄγορά, que, para os

micenos, era empregado no sentido de ‘coleção’, e no alfabeto grego, ‘assembleia do povo’, em oposição à βουλή (Bulé). Posteriormente, foi aplicado como ‘praça da assembleia, praça do discurso e praça do mercado ou mercado’; este último, sendo uma derivação aplicada pelos autores gregos sucessores a Homero.

Outro verbo que analisamos é καπηλεύουσι (καπηλεύω), ‘ser pequeno negociante ou revendedor’, encontrado em Platão e Aristóteles; ‘comerciar objetos usados; trocar, negociar, comerciar; falsificar, adulterar; elogiar como um charlatão’, como em Eurípedes (Hipólito). Novamente, encontramos no dicionário Grego Português (2006) καπηλεύω usado na terceira pessoa do plural, e conectado com outras palavras que dão um sentido a esse vocábulo: αἱ\_μὲν\_γυναῖκες\_ἀγοράζουσι\_καὶ\_καπηλεύουσι, ‘as mulheres frequentam a ágora e fazem pequenas vendas’.

ὑφαίνουσι (ὑφαίνω) pode ser traduzido como ‘tecer, confeccionar uma vestimenta; urdir uma intriga’ em Aristóteles (Lisistrata); também ‘combinar, tramar; construir, compor’. Escolhemos, nesse caso, a palavra ‘tecendo’, uma ação que resultaria em um tecido ou em uma vestimenta. A palavra foi escolhida, pois, como partimos da hipótese de que Heródoto partilharia de um ideal de que a mulher teria um papel definido dentro da sociedade ateniense, o de permanecer no interior da casa e no Egito a participação de homens e mulheres seria oposta, invertida – recuperando o termo aplicado por Hartog (1999) – daquela desempenhada pelos helenos, uma vez que seus costumes diferem de todos os outros povos.

A palavra ὀρθαί (ὀρθός) apresenta vários significados: ‘ereto, em pé; de pé, não tombado; que se estende em linha reta; longitudinal; firme, estável; correto’, entre outros. O que percebemos nessa parte é que Heródoto atribui características que seriam ‘masculinas’ às mulheres egípcias.

No Livro III, Heródoto relata, entre outros temas, a disputa de Dario e o falso Esmédis pelo trono da Pérsia. Dario desposa Atossa, que era filha de Ciro, e na passagem III. 133, ela descobre que foi acometida por uma doença. Procurando o médico Demócedes, ele prometeu curá-la, desde que ela promettesse que faria o rei Dario invadir a região helena, para que tivesse a oportunidade de retornar a sua região natal. Na passagem seguinte, após ser curada pelos remédios de Demócedes, observaremos como ela persuadiu o rei persa a não invadir os citas:

‘Ó rei, que tem tanto poder, permanece sentado em casa, não conquistando outros povos nem poder para os persas. E deve deixar claro, jovem soberano

e possuidor de grandes propriedades, e, que não importa o lugar, que os persas saibam que são liderados por um homem. Sendo em ambos os sentidos que é de seu interesse fazer isso, para que os persas saibam que são liderados por um homem, que eles se ocupem com a batalha e assim não tenham tempo de planejar contra você.

Pois agora você deveria dispor alguma empreitada, enquanto ainda é jovem: pois a alma cresce enquanto o corpo cresce, mas a alma envelhece junto com o corpo, e perde a força para qualquer interesse'. Por um lado, ela disse isso como instrução, por outro, ele respondeu assim: 'Ó esposa, o que você diz é o que eu tenho em mente fazer. Pois eu planejo fazer uma ponte entre essa terra e a outra terra e marchar em direção aos citas, e isso despenderá pouco espaço de tempo'. Atossa diz isso: 'Agora olhe, permita aos citas uma invasão posterior, pois você os terá quando preferir, mas marche contra a Hélade. Pois desejo a partir do que eu escutei sobre as mulheres lacedemônias, árgias, atenienses e coríntias, torná-las minhas servas. Você tem um homem que está mais apto do que qualquer outro para guiar você em tudo que diz respeito, Hélade, esse que curou o seu pé'. Dario replicou: 'Ó esposa, antes de tudo pensa primeiro em marchar contra os helenos, eu penso que é melhor primeiro enviar espiões persas com o homem que você menciona, e depois ele poderá me ensinar o que reportar pelo que pôde observar, e então, sabendo de tudo, eu mesmo voltarei'. (HERÓDOTO, *Histórias*: III. 134).

Nessa passagem, Heródoto relata como Atossa tenta persuadir Dario, iniciando a conversa usando muitos vocábulos que o qualificam como sendo um jovem soberano desbravador, que comanda muitos persas. Após esses primeiros elogios, ela se atenta para a condição da alma, φρένες (φρήν), substantivo feminino, que inicialmente era usado para designar o diafragma ou a membrana que separava o coração e os pulmões das vísceras, como encontrado em Platão. Por extensão, foi usado para designar toda membrana que envolve algum órgão humano, ou designar realmente as vísceras, sejam humanas ou animais. No nosso caso, o emprego foi poético, no sentido do coração, da alma, dos sentimentos e das paixões. Atossa afirma que a alma segue os estágios do corpo físico, que cresce na juventude, mas que também irá envelhecer.

O vocábulo διδαχῆς (διδασχί) também é empregado por Heródoto. O sentido lembra o do português: 'ensino; instrução; explicação; doutrina'. Para nós, essa palavra é empregada no sentido de ressaltar o ensinamento que Dario deveria seguir, empreendendo novas invasões para aumentar o poder persa e diminuir os complôs contra o rei.

Ao continuar o relato, em que Dario revela já pensar em invadir outras terras, o leitor tem a impressão de que a sua ideia é invadir a região helena. Entretanto, a sua intenção é a região habitada pelos citas, e esse não era o acordo firmado entre Atossa e Demócedes. Dessa forma, Atossa precisa usar novamente a sua retórica para convencer

Dario. Entre outras palavras utilizadas por ela, encontramos o verbo ἐπιθυμέω (ἐπιθυμέω), no sentido de ‘desejar algo ou alguém; desejo de fazer qualquer coisa’. Atossa deseja ter escravas helenas para lhe servir e esse apelo demonstra mais uma tentativa de persuasão de Dario. Juntamente com o fato de haver um homem na corte do rei que veio daquela região e que poderia ajudá-lo a colher dados do local, Atossa conseguiu, de certa maneira, plantar a ideia de invasão contra os helenos.

No Livro VI, Heródoto narra a história de Cálías, único homem capaz de comprar os bens de Pisítrato, que, de acordo com o historiador grego, merece ser lembrado, pois lutou com ardor pela liberdade de seu povo, venceu a corrida a cavalo em Olímpia e também nos jogos píticos, obtendo a vitória sobre todos os outros competidores helenos. Para nossa pesquisa, a passagem em que Cálías aparece nos interessa pelo seu comportamento com as suas três filhas: “... pois, quando as filhas alcançaram a idade de se casar, proporcionou a elas um dote magnífico e disse que cada uma delas que escolhesse o marido entre todos os atenienses”. (HERÓDOTO, *Histórias*: [VI. 122](#)).

O verbo ἔδωκέ (δίδωμι) apresenta muitas formas de tradução: dar; entregar; conceder; oferecer; transmitir; ensinar; destinar. O verbo é acompanhado por um nome no acusativo, δωρεῆν, para o qual empregamos aqui a palavra ‘dote’, e um pronome no dativo, σφι, que traduzimos por ‘elas’, sendo, dessa forma, a melhor tradução para o verbo, a palavra ‘proporcionar’.

Outro verbo escolhido foi ἐκλέξασθαι (ἐκλέγω), que apresenta, como outros verbos selecionados, muitas opções de tradução – ‘escolher; fazer escolha entre; recolher; receber tributos; arrancar’ – é utilizado por Aristófanes; ‘escolher para si’, usado por Heródoto em outra passagem, Tucídides e Aristófanes, ‘selecionar’. Platão e Xenofonte aplicam o verbo na sentença para dar a ideia de ‘escolher entre todos’; e Xenofonte aplica esse vocábulo como ‘levantar em parte’.

Na última passagem escolhida, Heródoto narra os acontecimentos precedentes à morte de Lícidas, conselheiro em Salamina, que foi morto, pois se mostrou a favor de anunciar para o povo as propostas feitas por Alexandre, o macedônio. A parte mais interessante desse relato, para nós, é o que ocorre depois da morte de Lícidas: “Tomando conhecimento do tumulto em Salamina a respeito de Lícidas, as mulheres de Atenas, encorajando umas às outras, seguiram espontaneamente até a casa de Lícidas e apedrejaram por si mesmas a esposa e as crianças.” (HERÓDOTO, *Histórias*: IX. 5).

Essa passagem atrai a atenção pela forma como as mulheres agem de acordo com aquilo que ouviram, manifestando a sua opinião a respeito da atitude de Lícidas, apedrejando a sua esposa e seus filhos. O vocábulo que analisaremos inicialmente é διακελευσαμένη (διακελεύομαι), verbo [que](#) pode ser empregado com o sentido de fazer uma prescrição; ordenar, como em Platão (O Sofista); recomendar; fazer uma exortação; encorajar alguém; advertir, em Isócrates; informar alguém; endereçar uma recomendação a alguém, como Heródoto utiliza em I. 36. Optamos pela tradução ‘encorajar umas as outras, encorajar-se mutuamente’, pois, através das outras palavras usadas por Heródoto, essa opção traria à oração um sentido que englobaria o fato de não ser uma única mulher encorajando as outras, mas um movimento no qual todas as mulheres participariam.

A próxima palavra é αὐτοκελές (αὐτοκελής), adjetivo empregado para designar o sentido de ‘impelido por si mesmo; que age por si; espontâneo’. O termo se encontra no dicionário *Bailly* (2000), que faz referência à passagem de Heródoto supracitada, havendo, do mesmo modo, outra forma a ser consultada: αὐτοκέλευστος, empregada com o mesmo sentido descrito acima em Xenofonte.

O último termo que analisaremos é αὐτοῦ (αὐτός), que pode ser tanto um pronome quanto um adjetivo demonstrativo, significando ‘mesmo; próprio; ele próprio’; se precedido de artigo, como em Isócrates e Xenofonte, tem o sentido de ‘o mesmo, o mesmo que’. Há outra opção que é ‘por si mesmo, espontaneamente’, usada por Sófocles e Platão. Optamos, em nossa tradução, por essa última tradução, entendendo que o apedrejamento é realizado pelas mulheres atenienses, ressaltando que essa ação é cometida pelas suas próprias mãos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa análise do discurso de Heródoto mostrou-se interessante na medida em que podemos perceber como os vocábulos são escolhidos para composição da narrativa. Ademais, as passagens selecionadas apontam para a maneira como as mulheres são descritas: persuasivas, pois suas palavras podem causar o rompimento de um acordo; não confiáveis, pois participam de rituais que para Heródoto são desonrosos. Mesmo no caso em que há outras atitudes relacionadas às mulheres, elas ainda são descritas de maneira homogênea: muitas delas não têm nomes, somente nacionalidades, ou estão relacionadas a algum homem a quem Heródoto está descrevendo. Se o seu nome aparece, como no caso de Atossa, é para mostrá-las em situações nas quais não

deveriam atuar, já que o padrão das práticas sociais ideais femininas recomendaria que elas fossem discretas e não manifestem as suas opiniões para os seus maridos.

Acreditamos que esses trechos selecionados sejam permeados pela alteridade e, dessa forma, conseguimos delinear o outro lado da comparação, que não é enunciado: parâmetro de ideal de mulher, no qual as mulheres atenienses deveriam respeitar e obedecer. Entretanto, através da narrativa de Heródoto, conseguimos perceber a diversidade das práticas femininas dentro das sociedades descritas pelo historiador grego, e como essas concebem a relação da construção de diferentes papéis desempenhados por cada gênero na região grega no V a.C..

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **A) Fontes Utilizadas**

**HERODOTE.** Introduction, notice preliminaire sur la vie et la personnalite d'Herodote et sur la presente edition par E. Legran. Paris, Belles Lettres, 1932.

**HERODOTUS.** With and English translations by A. D. Godley. Cambridge, Mass.; London: Harvard Univ.: Heinemann, 1990.

### **B) Obras gerais**

ASHERI, David; LLOYD, Alan; CORCELLA, Aldo. Herodotus Books I-IV. Oxford, Oxford University Press, 2007.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyolo, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo A. Antiguidade Clássica a história e a cultura a partir dos documentos. Campinas, Ed. Unicamp, 2003.

HART, John. Herodotus and Greek History. New York : St. Martin's Press, 1982.

HARTOG, François. O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LOZANO, Jorge. El discurso histórico. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

MOMIGLIANO, Arnaldo. As raízes clássicas da historiografia moderna. Trad. Maria Beatriz B. Florenzano. Bauru, S.P.: EDUSC, 2004.

MORAES, Érica Siane. Heródoto e o Egito. Tradução e comentário do Livro II das Histórias. Campinas, 1999. Dissertação de Mestrado.

VERNANT, Jean-Pierre. As Origens do Pensamento Grego. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2010.

WATERS, K. H. Heródoto El historiador. México: Fundo de Cultura Econômica, (1985) 1996.

### **C) Dicionários:**

BAILLY, Anatole. Dictionnaire Grec-Français. Paris: Hachette, 2000.

CHANTRAINE, Pierre. Dictionnaire etymologique de la langue grecque: histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1968/1990. Vol. 1-4.

LIDELL, George, SCOTT, Robert. A Greek-English Lexicon. Oxford: Claredon, 1996.

MALHADAS, Daidi, DEZOTTI, Maria Celeste Consolin, NEVES, Maria Helena de Moura. Dicionário Grego-Português. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

**D) Sites consultados:**

Persee. Portail de revues en sciences humaines et sociales:  
<http://www.persee.fr/web/revues/home>